

A JUVENTUDE DE FAVELA EM CENA: A REPRESENTAÇÃO DE JOVENS DE FAVELA EM FILMES NACIONAIS CONTEMPORÂNEOS

*YOUNG PEOPLE FROM FAVELA IN
SCENE: THE REPRESENTATION OF
YOUNG PEOPLE FROM FAVELA IN
CONTEMPORARY NATIONAL FILMS*

RESUMO

O objetivo desta análise é investigar e explorar as representações sociais da juventude de favela em filmes contemporâneos, a fim de evidenciar as diferentes visões que se tem deste grupo, de suas relações e universo. Este trabalho encara o cinema como um instrumento capaz de representar determinado período e, assim, busca compreender a imagem que é construída de jovens em produtos contemporâneos como “Cidade de Deus” (2010), “5x Favela - agora por nós mesmos” (2010) e “Maré: nossa história de amor” (2007). A análise parte da visão de Jovchelovitch (2000) de que tais representações re-constróem a realidade e possuem caráter produtor de sentido, expressando o trabalho do psiquismo humano sobre o mundo, e recorre a autores como Hall (2015) e Bauman (2005) para compreender as identidades dos dias atuais e o sentimento de pertencimento aos seus locais e aos círculos culturais.

Palavras-chave: Juventude. Representação Social. Cinema Brasileiro. Favela. Identidade.

Igor Lacerda

igorlacerdasa@gmail.com

Mestrando em Comunicação pela
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Renata Feital

rlfeital@gmail.com

Doutora em Literatura Comparada, Mestra em
Sociologia, e coordenadora de Jornalismo na
Universidade Veiga de Almeida

DOI: [10.21882/ruc.v6i10.710](https://doi.org/10.21882/ruc.v6i10.710)

Recebido em: 26/09/2017

Aceito em: 10/05/2018

ABSTRACT

The aim of this analysis is to investigate and explore the social representations in contemporary cinema of young people that live in the favela, in order to show the different views about this group and his universe. This article shows the cinema as a particular instrument of representation of a determined period of society and seeks to understand the image that is built from the films “City of God” (2002), “5x Favela - Now by ourselves” (2010) and “Another love story” (2007). According to Jovchelovitch (2000) the representations “re-build” the reality and produce character of meaning, expressing the work of the human psyche about the world, and uses authors such as Hall (2015) and Bauman (2005) to reveal the concept of identity, the sense of belonging to communities and cultural circles.

Keywords: Social Representations. Brazilian Cinema. Favela. Identity.

Introdução

É comum encontrar, especialmente no cinema brasileiro contemporâneo, histórias sobre a vida de jovens que vivem em favelas. Filmes como “Cidade dos homens” (2007), dirigido por Paulo Morelli, “Era uma vez...” (2008) de Breno Silveira, e “Linha de passe” (2008), dirigido por Daniela Thomas e Walter Salles, podem mediar às representações sociais, reafirmar ideias sobre os sujeitos que vivem nessas localidades e recriar o cotidiano e a interação entre os favelados.

Aquilo que é transmitido nos filmes tem a capacidade de transformar os objetos, as pessoas e a sua rotina, pois uma estrutura que reúne produção, consumação, criatividade, valores simbólicos e imaginários dos profissionais que dominam as técnicas cinematográficas, como elucidam Gutfreind (2006) e Rossini (2005). Segundo as autoras, seria necessário pensar a organização socio-cultural da produção e a sociedade onde o filme foi feito, já que os registros do cinema fazem parte daquilo que se entende sobre a comunidade, revelando a forma como os indivíduos percebem o mundo.

Ao observar os filmes produzidos nos últimos anos, é possível notar que a maior parte desse material é produzida por profissionais que não vivem nas favelas, mas as apresentam à sua maneira. No Brasil, por exemplo, quando se analisa a quantidade de formas de comunicar, veículos e vozes, percebe-se que as grandes empresas de comunicação ainda dominam a produção de narrativas sobre os moradores de favela.

Os contextos de vida dos autores trazem consigo de maneira involuntária ou

intencional os seus conceitos, posturas e olhares sobre pessoas e objetos, podendo favorecer a repetição de estereótipos, a construção de identidades e de imaginários sobre as favelas e os favelados (GONÇALVES; ROCHA, 2011). Ansel e Silva (2012) explicam que os artistas oriundos da favela vêm debatendo a forma como o cinema tem apresentado os moradores da favela, eles são representados como os causadores da violência nos centros urbanos e, de acordo com eles, como consequência dessa abordagem, a sociedade tem naturalizado a violência contra essas pessoas, mesmo quando elas são vítimas.

Tem sido comum encontrar nesses produtos cinematográficos a apresentação da favela como um território repleto de violências e conflitos. De acordo com Bentes (2007), os filmes produzidos por pessoas que não vivem a realidade da favela optam por mostrar a atração dos meninos pelas armas – como se a única maneira de obter respeito fosse através do medo – e os pobres aparecem se exterminando e/ou sendo coniventes para o crime. A autora diz que os produtos pensados por não moradores podem pautar a miséria, a violência e a exclusão, enquanto outros, pensados por outros profissionais de favela, poderiam destacar outros temas.

Este estudo não pretende identificar o cinema como causador e criador dos problemas que ele retrata, mas analisá-lo como uma ferramenta que pode registrar e divulgar as representações estabelecidas na sociedade, dando menos ou mais visibilidade a determinadas narrativas. Assim como Sousa (2011), acredita-se que independente do monopólio da palavra e da informação, os profissionais de cinema não são capazes de controlar aquilo que é entendido pelos teles-

pectadores porque por mais instrumentalizada que seja a mensagem dos meios de comunicação, o receptor ainda é capaz de questioná-la de acordo com seus conhecimentos e vivências.

Este artigo tem o objetivo de analisar e estabelecer comparações entre o filme de Fernando Meireles e Kátia Lund, “Cidade de Deus” (2002), o “5x Favela - agora por nós mesmos” (2010), produzido por jovens moradores de favela, e o “Maré: nossa história de amor” (2007), dirigido por Lúcia Murat e Karolina Specht com o intuito de expor a imagem do jovem que tem sido construída, produzida e transmitida a um grande público, com alcance nacional e internacional, com toda a legitimidade que os meios clássicos de comunicação possuem.

Optamos pela Análise de Conteúdo (AC), de acordo com as diretrizes de Bardin (2009), para evidenciar elementos no corpus que contribuem para o entendimento de contradições e proximidades nos diferentes discursos. Para promover o entendimento sobre as construções simbólicas presentes nos dois filmes, identificadas através da AC, recorreremos à teoria de representações sociais e partimos da visão de Jovchelovitch (2000) de que tais representações podem modificar a realidade e terem caráter de produção de sentido e expressarem o trabalho do psiquismo humano sobre o mundo.

Para compreender as formas de ser jovem e como o ambiente em que se vive pode influenciar essa fase da vida, recorreremos aos trabalhos de Campos (2010), Dayrell (2003) e Pais (1990). Ainda, com a intenção de evidenciar as maneiras como as identidades são formadas e transformadas nos dias atuais e compreender o sentimento

de pertencimento a determinadas localidades e modos de ser, utilizamos os estudos de Hall (2015) e Bauman (2005).

Materiais e métodos

Este estudo opta pela análise de conteúdo, de acordo com as diretrizes de Bardin (2004), pois ela consiste em um conjunto de técnicas de análise dos meios de comunicação, e utiliza métodos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens para possibilitar uma leitura aprofundada do que é exibido pelos veículos, além de fornecer caminhos para a compreensão do que está além das primeiras impressões que se tem das narrativas.

A análise de conteúdo (AC) é uma análise híbrida que serve de ponte entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa, como diz Bauer (2002). Assim, as técnicas de AC possibilitam a investigação de vídeos para produzir inferências capazes de explicar o contexto social de produção dos materiais estudados e ajudar a compreender contextos temporários, atuais ou antigos. As técnicas de AC diminuem a complexidade de um conjunto de textos, ao mesmo tempo em que a classificação sistemática e a contagem de unidades de obras escritas produzem uma quantidade considerável de materiais, aqueles que surgem a partir da descrição de suas características, como aponta o autor.

O autor aponta que, a partir da identificação de elementos-chave neste conteúdo, torna-se possível estabelecer inferências relativas às mensagens. No caso deste trabalho, foram definidas categorias temáticas e as narrativas foram classificadas de acordo com cada tema. As inferências foram baseadas em indicadores quantitativos, que apontaram a

recorrência de determinadas abordagens e temas, gerando os conhecimentos sobre as narrativas. Desta forma, foram criadas as seguintes categorias: a identidade dos jovens de favela, os grupos sociais dos jovens e o ambiente dos jovens.

Procura-se analisar como a identidade dos jovens tem sido apresentada nos filmes contemporâneos que têm a favela como plano de fundo. A intenção desta categoria é expor a representação dos jovens que vivem nos espaços populares, revelando a maneira como essa apresentação é criada e transmitida pelo cinema a um grande público.

Outra categoria que este artigo tem a intenção de explorar é os locais de sociabilidade e as formas como são mostradas as interações entre a juventude de favela, pois aquilo que o jovem é pode ter ligação com os grupos que ele pertence ou deseja pertencer. A finalidade é descortinar as normas que asseguram essas relações, além dos objetivos, interesses e valores.

Também se faz necessário refletir sobre as formas como a pobreza é exposta nesses produtos audiovisuais. O propósito é examinar como são as favelas narradas nos produtos cinematográficos, assim como os temores e as carências que os jovens desses locais vivenciam.

A representação e a identidade de jovens de favela

A juventude geralmente é vista como um ciclo marcado por novas descobertas, experiências e responsabilidades. Os grupos sociais podem zelar e retratar essa fase de diferentes modos, indicando a possibilidade de existirem várias maneiras de compreendê-la e vivenciá-la. Presumimos, então, que a

realidade dos jovens de classe média seja diferente daqueles de camadas populares, enquanto o modo de viver da juventude nos centros urbanos seja distinto daquela que habita em áreas rurais.

Existem várias formas de ser jovem, pois a juventude é uma fase influenciada por classes socioeconômicas, pelo ambiente no qual o indivíduo se desenvolve e pelas trocas que ele faz com os grupos que estão inseridos, como explicam Campos (2010) e Pais (1990). Esses adolescentes estabelecem suas relações com pessoas que pensam como eles e passam por problemas semelhantes.

A identidade dos jovens de favela também é estruturada pelos seus territórios e por amigos, familiares, líderes religiosos, lideranças locais e outros exemplos. Essa identidade não é fixa, pelo contrário: pode ser alterada de acordo com o envolvimento com outros grupos e ambientes. Hall (2015) esclarece que os sujeitos não nascem de um determinado jeito, como se existisse um núcleo interior natural, imutável e separado do mundo exterior. Eles não permanecem os mesmos no decorrer de toda a existência, pois são moldados pelos relacionamentos com pessoas que são importantes para eles, àquelas que transmitiam os valores, os sentimentos e os padrões culturais.

O acesso à internet está concedendo a oportunidade de ter algum contato com um mundo de novas culturas e jeitos de ser e, por isso, as pessoas têm se identificado com novos estilos e comunidades espalhadas pelo mundo. Bauman (2005) explica que as pessoas não têm mais uma identidade fixa e permanente. A identidade passa a ser negociável e renegociável, a identidade começa a ser

formada e transformada continuamente pelas comunidades, círculos culturais e nações.

Além de a juventude ser um momento da vida marcado pela realidade social, ela também sofre influência das representações estabelecidas sobre esses jovens. Os adolescentes têm a própria identificação, eles se veem de uma determinada maneira, mas isso não significa que as outras pessoas os enxergarão da mesma forma. A forma como os jovens são representados pelas pessoas pode influenciar em suas vidas, da mesma forma que a realidade em que estão inseridos.

A juventude geralmente é representada como aquela que será capaz de dar sentido às suas ações do presente no futuro, durante a vida adulta. Os jovens podem ser apresentados como um problema e são ligados aos índices de violência, consumo e tráfico de drogas, expansão de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. Essa fase da vida também é representada como um tempo de liberdade, um momento que permite comportamentos rebeldes e exóticos. De acordo com Dayrell (2003), essas representações podem fixar um único modo de ser jovem e, assim, podem fazer com que as pessoas exijam as características que faltam para corresponder a uma determinada representação e projetem em novas gerações as memórias, idealizações e preceitos de outra época.

Esses modelos socialmente construídos podem dificultar a compreensão da jovialidade e suas experiências nos dias atuais, mas, por outro lado, a forma que as pessoas falam sobre os jovens tem a ver com a representação social, pois, de acordo com Jovchevitch (2000), as representações são formas de saber social, ou seja, um conjunto de ideias que os indivíduos têm de objetos, lugares

e pessoas. É por intermédio de representações sociais que os indivíduos conseguem interpretar o mundo a sua volta e, a partir de uma realidade simbólica, junto às referências que eles têm sobre o assunto, essa passa a ser a visão que mantêm do universo.

Ainda segundo a autora, as construções e transformações da representação social são coletivas e estão ligadas aos atos de comunicação como, por exemplo, diálogos, linguagens, produções de informação e entretenimento. Assim, as representações são formadas e circulam nos encontros públicos que ocorrem em ruas, bares, instituições e nos meios de comunicação. Por ter um grande alcance, os meios de comunicação são os principais mediadores das representações sociais.

Esses meios de comunicação têm interesses econômicos com as suas produções e têm a chance de transmitir suas visões, conceitos e estereótipos sobre a favela e seus habitantes a um grande público, mas, por outro lado, também servem para descrever a realidade desses grupos, marcar um momento histórico e, assim, facilitar as discussões racionais entre os cidadãos. Os telespectadores não são incapazes de julgar as mensagens transmitidas, pelo contrário eles as interpretam de acordo com as suas vivências e conhecimentos.

As representações que circulam nos veículos de comunicação estão ligadas as diversas formas de ver e interpretar o universo, ao mesmo tempo em que são criadas por pessoas de diferentes realidades sociais e opiniões. Elas são criadas pelos indivíduos (de acordo com seu processo de socialização e acúmulo cultural) para dar sentido à realidade. Ou seja, os produtos carregam as percep-

ções e saberes sobre os lugares e as pessoas que cercam seus produtores – mesmo que, às vezes, elas não correspondam à realidade vivida pelos representados.

Os meios de comunicação são observados como uma arena que possibilita o confronto de narrativas pensadas por profissionais que vivem na favela e no asfalto. Segundo Jovchelovitch (2000), as representações necessitam do encontro de perspectivas diferentes, e das discussões que essas diferenças produzem, pois só assim os múltiplos modos de vida podem coexistir e fazer emergir saberes com certa flexibilidade, capazes de absorver outras formas de racionalidade.

Resultados

Os dados a seguir apontam as representações de jovens em filmes contemporâneos com: “Cidade de Deus”, de Fernando

Meireles e Kátia Lund, “5x Favela - agora por nós mesmos”, produzido por profissionais que vivem a realidade das favelas, e “Maré: nossa história de amor”, dirigido por Lúcia Murat e Karolina Specht. Foram contabilizadas inferências sobre as representações de jovens favelados, as interações estabelecidas entre eles e a apresentação das favelas como seus locais. O número em parênteses corresponde à recorrência do tema no material analisado.

A tabela 1 apresenta as identidades mais comuns dos jovens que aparecem nos produtos fílmicos, ela ajudará a compreender como essas representações podem ser percebidas pelo público. Aqui a identidade passa a ser entendida como o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social e a rejeição ou não aceitação de outro, incluindo a concordância com algumas regras e a discordância com tantas outras.

TABELA 1 – A identidade dos jovens de favela

Cidade de Deus (2002)	Maré – nossa história de amor (2007)	5x favela – agora por nós mesmos (2010)
(14) estudantes	(15) dançarinos	(5) estudantes
(3) trabalhadores	(1) trabalhador	(2) trabalhadores
(1) evangélico	(1) cantor de funk	(1) advogado
(1) jornalista	(13) traficantes	(1) artista
(9) traficantes		(3) traficantes
(3) ladrões		
(1) viciado em drogas		

Fonte: Dados retirados dos filmes *Cidade de Deus* (2002), *Maré – nossa história de amor* (2007) e *5x Favela – agora por nós mesmos* (2010).

Nota: Dados trabalhados pelos autores.

“Cidade de Deus” mostra quatorze estudantes e três trabalhadores, mas também apresenta nove traficantes, três ladrões e um viciado em drogas. Os jovens estudantes têm sonhos, vivem paixões e experimentam todas as experiências juvenis enquanto, por outro lado, os ladrões, traficantes e viciados estão apenas lidando com o crime. Mesmo não vivendo em função do crime, os estudantes, o jornalista e o evangélico se envolveram com a criminalidade para sanar suas dificuldades financeiras. O crime surge como uma forma rápida de superar os problemas, mas eles não se identificaram com essas ações e, por isso, seguiram caminhos lícitos. Foi observado que a preferência pelo trabalho e pelo estudo se deu pela influência familiar e religiosa, revelando que essas instituições ainda são capazes de influenciar nas escolhas dos indivíduos.

“Maré: nossa história de amor” exhibe os quinze dançarinos que dão sentido às suas vivências, conflitos e carências por meio da música e da dança. Apesar dos perigos da comunidade, dos preconceitos e das limitações, eles demonstram a felicidade e o orgulho em pertencer à favela. Por outro lado, além dos dançarinos, aparecem pelo menos treze traficantes, eles não revelam sonhos e vivem em função do narcotráfico. O jovem trabalhador, o cantor de *funk* e os quinze

bailarinos que não querem recorrer ao tráfico de drogas, eles sonham em trabalhar para alcançar a realização pessoal e profissional em conformidade com as leis.

“5x favela – agora por nós mesmos” destaca pelo menos cinco cenas com jovens estudantes, dois deles são trabalhadores. O filme narra a história de uma violinista e um estudante de direito. A artista cuida da filha, estuda e mantém a própria casa sem a ajuda do marido, um dos traficantes da favela, enquanto, por outro lado, o aluno de direito recorre ao tráfico de drogas para conseguir concluir a graduação – pois, o salário que tinha como balconista não era suficiente. No fim do curso, o estudante deixa de ser traficante, ele não se identificava com essa atividade. Esse produto apresenta três traficantes, sendo que dois fizeram essa escolha pelos lucros adquiridos com a venda de drogas e outro utilizou o tráfico como um recurso para realizar o sonho de ser advogado.

A tabela 2 mostra as interações entre os jovens de favela, pois a identidade do jovem tem conexão com os grupos que ele pertence ou deseja pertencer. Buscamos destacar os locais onde essas relações são estabelecidas, os grupos e as normas que asseguram essas interações, assim como os interesses, valores e objetivos.

TABELA 2 – Os grupos sociais dos jovens

Cidade de Deus (2002)	Maré – nossa história de amor (2007)	5x favela – agora por nós mesmos (2010)
(5) relações ligadas ao funcionamento do tráfico	(6) relações ligadas ao funcionamento do tráfico	(5) relações com os vizinhos como se fosse uma grande família
(2) relações estabelecidas nas escolas	(3) relações estabelecidas na escola de dança	(2) relações estabelecidas nas escolas
(2) relações construídas nas praias	(2) relações construídas nos bailes funk	(1) relações ligadas ao funcionamento do tráfico
(1) relações que surgiram no trabalho	(2) relações construídas nas praias	(2) relações estabelecidas nas ruas
(1) relações de convivência para o crime		

Fonte: Dados retirados dos filmes *Cidade de Deus* (2002), *Maré – nossa história de amor* (2007) e *5x Favela – agora por nós mesmos* (2010).

Nota: Dados trabalhados pelos autores.

“Cidade de Deus” expõe cinco interações de jovens ligados aos locais ocupados por traficantes, revelando que algumas interações servem para manter o comércio de drogas. Os grupos ligados ao tráfico apareciam sempre em ação, era como se não descançassem e estivessem sempre em guerra. Eles causavam o medo em alguns moradores, mas protegiam outros. Eles são apresentados como um grupo que tem autoridade na favela, enquanto a polícia só aparecia para matar inocentes ou se envolver em atos ilegais.

Por outro lado, o produto também mostra o dia a dia dos personagens que não optaram pela ilegalidade. A escola e o trabalho surgem como outros espaços de sociabilidade. O ambiente de trabalho apareceu uma vez pela sua capacidade de desenvolvimento pessoal, enquanto as duas interações construídas nas instituições de ensino eram levadas pela vida a fora. Esses amigos aparecem pelo menos duas vezes na praia, lugar que eles amavam, planejavam o futuro e se divertiam. Em “Cidade de Deus”, a praia aparece como um lugar capaz de conectar a

favela ao asfalto, apresentando apenas a boa convivência entre os jovens de distintas classes socioeconômicas.

“Maré: nossa história de amor” tem pelo menos seis cenas que expõem o funcionamento do grupo de tráfico. Nesse produto, a violência é causada pelas duas facções que lutam entre si para comandar a favela. Este filme apresenta ações violentas causadas por policiais e traficantes, obrigando os moradores da Maré a lidarem com os ataques, tiroteios e invasões de residências.

Por outro lado, os amigos feitos na escola de dança se ajudam a superar as dificuldades financeiras com amor e companheirismo. Os dançarinos têm algumas desavenças, mas, no geral, são amigos e vão a todos os lugares, isso é manifestado em três ações. Em dois momentos eles aparecem se divertindo, amando e revendo os amigos no baile *funk* ou na praia. Eles presenciam o preconceito e se auxiliam na superação dos traumas, em uma ocasião, por exemplo, os amigos foram à praia e, por causa da cor da pele e

TABELA 3 – O ambiente dos jovens

Cidade de Deus (2002)	Maré – nossa história de amor (2007)	5x favela – agora por nós mesmos (2010)
(15) lugar onde podem morrer	(9) lugar onde podem morrer	(5) lugar onde podem morrer
(9) traficantes espalhados pelas vielas	(5) traficantes espalhados pelas vielas	(4) traficantes espalhados pelas vielas
(8) medo de traficantes	(2) medo de agressões policiais	(2) medo de agressões policiais
(4) medo de agressões policiais	(4) medo de traficantes	(1) medo de traficantes
(2) local sem água, luz e asfalto	(3) local asfalto	(2) local sem água, luz e asfalto

Fonte: Dados retirados dos filmes *Cidade de Deus* (2002), *Maré – nossa história de amor* (2007) e *5x Favela – agora por nós mesmos* (2010).

Nota: Dados trabalhados pelos autores.

das roupas, os outros banhistas foram embora com medo de furtos.

O “5x favela – agora por nós mesmos” não foca muito nos temas da juventude, mas exhibe as relações como se a favela fosse uma grande família em cinco cenas, eles se auxiliam principalmente a superar as vulnerabilidades do território. A juventude convive entre si dentro das favelas, com pessoas de outras comunidades e bairros, essas situações são mostradas em duas aparições. As relações são boas, mas os amigos tinham medo de ir à favela ou às comunidades vizinhas.

A tabela 3 mostra como o ambiente dos jovens foi apresentado nos filmes com a intenção de examinar o plano de fundo dos discursos sobre os locais de pobreza.

“Cidade de Deus” apresenta a favela como um lugar perigoso para a juventude, pois ela pode ser morta por traficantes ou policiais, podendo ser observado em pelo menos quinze cenas. A favela é dividida, uma parte da favela pertence a Zé Pequeno e a

outra a Cenoura. Os traficantes estão espalhados pelas ruas e vielas, mantendo a ordem ou o medo na parte da favela em que comandam. Os jovens sentem medo tanto dos policiais quanto dos bandidos, esse medo pode ser observado em pelo menos doze cenas.

Ao analisar a parte estrutural da Cidade de Deus representada no filme, notamos um lugar sem água, luz e asfalto na criação da favela, quando as pessoas começam a habitar o local. Esses problemas persistem até os dias atuais, de acordo com as abordagens feitas pelo próprio filme.

Os jovens de “Maré: nossa história de amor” podem morrer tanto pelas agressões de policiais quanto de traficantes, essas mortes foram contadas em nove momentos. A favela também aparece dividida, cada parte é vigiada e comandada por um grupo de traficantes e, por isso, encontramos traficantes entre as vielas, cuidando da família do chefe do tráfico ou vendendo drogas. Os jovens sentem medo dos policiais e traficantes, obrigando-os a modificar seus planos

diariamente, eles deixam de sair com os amigos para ir à escola ou aulas de dança.

São exibidas pelo menos três cenas de ruas sem asfalto, mas, mesmo mostrando ambientes pouco iluminados, a narrativa não explora os problemas relacionados à falta de água e luz.

O “5x Favela – agora por nós mesmos” mostra uma favela perigosa para os jovens que se envolvem com o tráfico e para suas famílias. Além disso, as brigas entre traficantes e policiais ou mesmo a união entre policiais e traficantes pode ser prejudicial a todos que vivem nesses locais e, por isso, os adolescentes sentem medo tanto dos policiais quanto dos bandidos. Nesse produto a favela também é dividida e suas vielas são ocupadas por vendedores de drogas, pode ser visto em quatro cenas.

Como esse produto é um longa-metragem dividido em cinco curtas, os problemas referentes à falta de água, luz e asfalto são abordados no último curta-metragem, o *Apague a luz*. Segundo os personagens que vivem na parte mais alta do morro, eles passam por isso porque as empresas que concedem os serviços não ligam para os mais pobres.

Considerações finais

Os filmes selecionados para compor o corpus desse estudo representam a visão de diversos diretores sobre a favela e a juventude que vive nesses espaços. Produtos como “Cidade de Deus” e o “Maré: nossa história de amor” são narrativas produzidas por pessoas que não vivem nas favelas, enquanto o “5x Favela – agora por nós mesmos” é uma narrativa pensada por jovens oriundos das favelas cariocas.

Muitos autores dizem que as criações artísticas são capazes de transmitir as percepções e as opiniões de seus criadores, então é possível dizer que os filmes produzidos por diretores do asfalto abordarão os temas que não terão tanto destaque nas produções pensadas por diretores de favela. Isso não significa que um discurso seja mais verdadeiro e relevante que o outro, pelo contrário: são conhecimentos diferentes sobre a favela e seus habitantes.

A análise dos filmes revela que o “Cidade de Deus” deu mais destaque ao lado violento dos espaços populares, apresentando personagens ladrões e viciados em drogas. O “Maré: nossa história de amor” e o “5x Favela – agora por nós mesmos” evidenciaram os jovens artistas, estudantes e trabalhadores e apesar de também ter mostrado a violência desses locais, não mostrou tantos jovens dependentes químicos ou ladrões.

O “Cidade de Deus” mostrou que alguns jovens podem ser coniventes com crimes, mesmo não se identificando com traficantes – o “Maré: nossa história de amor” e o “5x Favela – agora por nós mesmos” não fizeram essa abordagem. O filme “5x Favela – agora por nós mesmos” apresenta a favela como uma grande família, um lugar onde as pessoas se ajudam a superar as dificuldades do local, essa abordagem não aparece em “Cidade de Deus” e “Maré: nossa história de amor”.

Depois de observar como a infraestrutura e a realidade das favelas são apresentadas nos produtos, notamos a precariedade em serviços de energia elétrica, água e saneamento básico. Também vimos que é um lugar perigoso para os jovens, pois eles podem ser assassinados por traficantes ou por

policiais. Eles sentem medo dos traficantes espalhados pelas vielas e dos policiais que entram na favela para mata-los.

As representações sociais da favela e seus moradores, nos dois filmes, têm mais semelhanças do que diferenças. As duas produções cinematográficas revelam não só uma favela violenta, mas também uma favela plural onde seus moradores dão sentido às suas ruas, vielas e criam uma rede de afetos baseada em relações horizontais e colaborativas.

Concluimos que apesar de deste estudo analisar apenas três filmes contemporâneos, já é possível ter uma ideia das representações que têm sido criadas sobre a juventude e a favela. Novos diretores têm surgido no cinema e outros tantos surgirão para acrescentar novas visões sobre os jovens e seus universos, por isso, para compreender as representações contemporâneas em sua totalidade, outros estudos serão necessários.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUER, M. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

BENTES, I. Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jul-dez, 2007. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu_n15_Bentes.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.

CAMPOS, R. Juventude e visibilidade no mundo contemporâneo. **Sociologia, problemas e práticas**. Lisboa, n. 63, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n63/n63a0.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2016.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 24, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2016.

GONÇALVES, E.; ROCHA, R. O mundo discursivo no cinema: a construção de sentidos. **Razon y Palabra**, México, n. 76 mai-jul, 2011. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N76/monotematico/05_Goncalvez_M76.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2016.

GUTFREIND, C. O filme e a representação do real. **Compos**, v. 06, agosto, 2006. Disponível em:

<<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/90/90>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JOVCHELOVITCH, S. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

PAIS, J. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise social*, Lisboa, v. 25, n. 105-106, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>> Acesso em: 07 set. 2016.

ROSSINI, M. O cinema da busca: discursos sobre identidades culturais no cinema brasileiro dos anos 90. *Revista Famecos*, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 27, 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3326>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

SILVA, J.; ANSEL, T. *Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares*. *Revista eletrônica*, 2012. Disponível em: <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Midia-e-favela_publicacao.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2016.

SOUSA, Monica. A cidade como palco da comunicação. In: FREITAS, R (Org.). *Olhares urbanos: estudos sobre a metrópole comunicacional*. São Paulo: Summus, 2011.